



O norte da educação física e ciências do esporte: história e desafios para os dias atuais

Período de 01 a 04 de dezembro de 2010, Castanhal e Belém

GÊNERO E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Carlos André – Graduado em Educação Física pela UFPA
Helton Oliveira – Graduado em Educação Física pela UFPA
José Borralhos – Graduado em Educação Física pela UFPA
Paulo Sérgio – Graduado em Educação Física pela UFPA
GTT 5 – Escola

RESUMO: A reflexão aqui proposta tem como objetivo discutir e analisar como está sendo trabalhada a questão do gênero nas aulas de Educação Física nas séries iniciais do ensino fundamental. A partir de nossas experiências vividas no decorrer da disciplina Prática de Ensino I em uma escola de ensino fundamental da rede municipal de ensino de Castanhal, verificamos que ainda existem profissionais que separam as crianças por sexo nas aulas de Educação Física, principalmente quando o conteúdo ministrado é o da iniciação esportiva. Embasados em alguns autores discutiremos sobre a questão, diremos quais as consequências dessa separação e como os professores de Educação Física podem mudar essa realidade.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero, Educação Física, Separação

INTRODUÇÃO

Gênero é um conceito das Ciências Sociais surgido nos anos 70, relativo à construção social do sexo. Significa a “distinção entre atributos culturais alocados a cada um dos sexos e à dimensão biológica dos seres”. O uso do termo gênero expressa todo um sistema de relações que inclui sexo, mas que transcende a diferença biológica. O termo sexo designa somente a caracterização genética e anátomo-fisiológica dos seres humanos.

A Educação Física enquanto componente curricular da Educação básica deve assumir então outra tarefa: introduzir e integrar o aluno na cultura corporal do movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, das atividades rítmicas e dança, das ginásticas e práticas de aptidão física, em benefício da qualidade da vida. “A integração que possibilitará o usufruto da cultura corporal do movimento há de ser plena – é afetiva, social, cognitiva e motora. Vale dizer, é a integração de sua personalidade” (Betti, 1992, 1994a).

DA SEGREGAÇÃO INDUZIDA À APROXIMAÇÃO NATURAL

Sabendo que a escola é um dos processos de socialização mais importantes a qual somos submetidos, depois da família, podemos dizer que esta influencia determinados comportamentos a cada sexo. A cultura determina as práticas que cada um deve exercer, referente ao seu sexo, ou seja, aos meninos cabe jogar futebol, basquete, já as meninas são destinadas às atividades mais suaves como a dança. Belotti (1987, p.71) reforça isso dizendo que, “na criança a tendência a jogar é sem dúvida inata, mas as maneiras nas quais o jogo se exprime, as suas regras e seus objetivos são indubitavelmente o produto de uma cultura”.

A Educação Física é uma disciplina que visa o desenvolvimento do indivíduo, a mesma é muito bem aceita pelos alunos, pois ela proporciona bem estar, desde que estes se encontrem numa situação favorável ao aprendizado, aliada ao prazer em realizá-la.

Quando nos remetemos à prática das atividades, partindo dos conteúdos da Educação Física, é nítida a relação estabelecida pelos alunos, demarcando brincadeiras as quais sejam naturais para meninos e meninas.

Apesar de alguns profissionais separarem as crianças durante as aulas de Educação Física, notamos durante nossas visitas a uma escola de ensino fundamental da rede municipal, que as crianças (meninos e meninas) têm se aproximado umas das outras, ou seja, apesar de uma separação induzida percebe-se uma aproximação entre essas crianças, e isso tem ocorrido de forma natural, pois no geral, quando o professor de Educação Física deixa com que as crianças brinquem do que preferem, as mesmas acabam brincando juntas. Presenciamos na escola visitada, meninos brincando de bambolês, pulando cordas e elásticos com as garotas; meninas brincando de jogar futebol com os garotos, dessa forma percebe-se que muitas coisas estão mudando nesse âmbito, e mesmo que o professor de Educação Física induza a separação de meninos e meninas nas aulas, poderá haver uma aproximação natural.

O conteúdo esporte é um dos que mais evidenciam as diferenças entre os gêneros, para Abreu e Wandekoken (2005), acredita-se que a imagem da mulher e do homem que se passa aos alunos por meio dos conteúdos de ensino, contribui intensamente para formar seu “eu” social, seus padrões diferenciais de comportamento, o modelo com o qual deve identificar-se para ser “mais mulher” ou “mais homem” e, informá-los, por sua vez, da diferente valorização que nossa sociedade atribui aos indivíduos de cada sexo.

Os alunos, através da cultura, adquirem informações sobre o masculino e o feminino que os caracterizam diferentemente, esbarrando nas aulas de Educação Física. Os meninos são ditos mais fortes, inteligentes, dinâmicos, vencedores; e as meninas são ditas como fracas, pouco inteligentes, perdedoras, pouco habilidosas, entre outras. Isso talvez seja fruto de uma cultura imposta pela sociedade, que ao longo dos tempos caracterizou homens e mulheres de maneiras diferentes.

O docente é o principal autor para que se pense em mudança, em busca de soluções para superar as desigualdades nas aulas de Educação Física. A atitude do profissional de Educação Física é importante, em relação à questão do gênero, pois ele pode em suas aulas afirmar as desigualdades ou proporcionar experiências onde meninos e meninas possam partilhar juntos a oportunidade de expressar suas capacidades.

Pacheco apud Abreu e Wandekoken (2005) afirmam que, favorecer o agrupamento das crianças por gênero acaba por estimular a estigmatização das próprias atividades, acirrando o caráter feminino ou masculino atribuído a estas, impossibilitando também a igualdade de oportunidades.

COMPETIÇÃO NAS AULAS DE ED. FÍSICA NAS TURMAS DE 1ª A 4ª SÉRIES: TEORIA E PRÁTICA

A competição esportiva deveria ser precedida por uma série de atividades de caráter reflexivo junto aos alunos do Ensino Fundamental, procurando promover o evento dentro de um espaço pedagógico de formação para a cidadania, na tentativa de contribuir para superação de representações sociais e práticas relacionadas à procura da performance física, valorização dos mais aptos em detrimento da maioria, vitória a qualquer custo e o reforço do individualismo. Aspectos estes que, dentre outros, contribuem com a formação de consciências e práticas cotidianas necessárias para reproduzir a lógica do perverso modelo capitalista de sociedade. (MUÑOZ PALAFOX, 1996b, p. 279)

Na primeira e segunda séries do ensino fundamental, a criança ainda constrói sua visão de mundo de forma difusa (sincrética), porém já se evidencia a superação do nível intuitivo do

pensamento, mediante a possibilidade de representação do mundo que a rodeia, experimentando situações e objetos que mantêm as atividades do pensamento ligadas à ação. Aprimora sua capacidade de interpretação de determinadas atividades humanas representando-as de acordo com os níveis de compreensão alcançados.

No campo da aprendizagem social, observa-se um salto qualitativo na efetivação de atividades de caráter coletivo e cooperativo em que a criança demonstra, através das diferentes manifestações de linguagem, competência para agir comunicativamente utilizando o diálogo, e aprimorando habilidades de saber falar, ouvir dentro do processo de construção, aplicação e respeito às normas estabelecidas e as criadas coletivamente, aperfeiçoar e dominar habilidades motoras mais complexas relacionadas com o mundo do esporte e da expressão corporal e para iniciar uma introdução ao raciocínio crítico. No final desse ciclo, o (a) aluno (a) começa a questionar teoricamente sobre as causas e efeitos dos fatos relacionados com sua vida cotidiana.

Na terceira e quarta séries do ensino fundamental, a criança passa a analisar e compreender a realidade, revelando-se capaz de identificar, analisar criticamente e descrever os elementos constitutivos dos objetos, dos conceitos, dos costumes e dos sentimentos, elevando assim seu raciocínio crítico. Em termos de aprendizagem social, na medida em que as atividades coletivas se revestem de um maior sentido e significado nesse ciclo, a criança deve apresentar uma estrutura, cognitiva e emocional, suficiente para se reconhecer objetivamente como um membro da sociedade, o que facilita o trabalho em grupo. Essa construção está associada à percepção de que ela não está sozinha no mundo e que a obriga a reconhecer a necessidade de romper com seu individualismo, refletir criticamente no momento de compartilhar e realizar atividades coletivas, mediando seus interesses com os do grupo.

Na primeira fase do Ensino Fundamental (1º ao 4º ano), é preciso levar em conta que a atividade corporal é um elemento fundamental da vida infantil, e que uma adequada e diversificada estimulação psicomotora guarda estreitas relações com o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da criança; deve-se privilegiar o desenvolvimento das habilidades motoras básicas, jogos e brincadeiras de variados tipos e atividades de auto-testagem.

Tendo em vista essas séries iniciais como fonte de pesquisa para entendermos como está se dando a competição dentro do ambiente escolar especialmente entre meninos e meninas, segundo (WANDERLIND, 2006) é possível que o ambiente em que viveram os ancestrais humanos tenha dotado homens e mulheres de propensões comportamentais diferentes, sendo assim, a criança quando nasce em uma cultura e meio social a mesma já se predestina a atribuir caráter feminino e masculino fortalecida pelo ambiente social e pela cultura.

Maccoby (1988) afirma que aos três anos de idade, as crianças já possuem uma capacidade definida de atribuir rótulos de gênero, tanto a si, como aos outros, demonstrando preferência por brincar com grupos do mesmo sexo, o que se mantém até boa parte do ensino fundamental, apesar de a maioria das crianças também participar de grupos mistos. Segundo Romero (1990) em uma pesquisa de campo averiguou que os papéis sexuais influenciam no desenvolvimento motor. Concordamos com os autores nesse aspecto comportamental acerca dessa realidade, pois desde início o ser humano é condicionado a ter comportamentos típicos de seu gênero, ou seja, nas aulas de educação física meninos praticam jogos que condizem mais com a realidade enquanto meninas são condicionadas a práticas de brincadeira mais suaves como afirma Bichara (1994).

Com relação ao aspecto motor citado por Romero (1990) anteriormente, fica visível no cotidiano quando visto com atenção, as meninas desenvolvem aspectos muito mais intelectualizado se privando das praticas corporais, sendo assim, não desenvolvendo velocidade, força, agilidade na maioria das vezes devida essa padronização estereotipada

implicando até no não surgimento de muitas atletas no esporte tendendo a busca de habilidade que não se utilize de práticas bruscas. Em contra partida observa-se exatamente o contrário dentro do padrão estabelecido pela sociedade para os meninos onde a prática dessas atividades truculentas, barulhentas, e muitas vezes até violentas, está diretamente associada ao seu gênero.

Apesar dessa dissociação de gênero, hoje as escolas, assim como alguns professores, lutam para mudar esse quadro sexista tendo em vista que desde as séries iniciais procura-se agrupar ambos os sexos, onde não acontecem com tanta intensidade às disparidades sexuais, sendo assim, confrontamos com Romero (1990) quanto ao não envolvimento do professor para mudança desse cenário. Acreditamos que esse quadro está realmente mudando pautado nas vivências no ambiente escolar, no entanto torna-se evidente que alguns professores ainda praticam de maneira silenciosa a segregação entre seus alunos durante suas aulas.

Ao passo que se derrubam as barreiras do preconceito a respeito do gênero começam a surgir possíveis atletas, mesmo que gradativamente, ou até meninas mais comprometidas com a atividade física, devido à nova mentalidade da sociedade a respeito do assunto, inclusive com a conscientização feminina, e isso se deve em grande parte ao profissional de educação física, que tem lutado diariamente para que fique cada vez mais próximo o universo masculino e feminino. No entanto falta muito ainda para se chegar a um ideal de igualdade entre os sexos devido até a questão biológica, mais tudo indica que estamos caminhando na direção certa.

CONSEQÜÊNCIAS DA SEPARAÇÃO ENTRE MENINOS E MENINAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

A educação física escolar mudou muito em relação ao que era antigamente, um exemplo disso, é a mudança gradual da separação entre meninos e meninas nas aulas de educação física.

Antigamente, na educação física, as turmas femininas eram dirigidas somente por professoras e as turmas masculinas somente por professores, o que reforçava a separação entre os sexos e mesmo que isso tenha mudado a divisão de gênero ainda persiste por influência de nossa sociedade, pois segundo Sales (2002) “a consideração social das diferenças biológicas entre meninos e meninas ainda influencia muito as expectativas dos comportamentos para cada um dos gêneros, e este permeia as ações desenvolvidas pela escola”, ou seja, da educação física.

Ao lançar mão da separação entre meninos e meninas a educação física escolar estaria se distanciando de seu objetivo, pois para Abreu e Wandekoken (2005) “a educação física no âmbito escolar tem como função auxiliar a partir de sua contribuição na formação de um cidadão, opondo-se a valores e práticas sociais que desrespeitem a dignidade do indivíduo”.

Neste sentido, Kunz (2001) afirma que “a educação física poderia ter a chance de sensibilizar para uma futura superação da contradição social em relação aos diferentes papéis assumidos pelo homem e pela mulher na sociedade, concentrando sua temática de movimentos e jogos na aprendizagem social co-educativa”.

Apesar de terem ocorrido mudanças na educação física escolar, ainda existem profissionais que separam as crianças por sexo nas aulas através de suas práticas. A separação entre meninos e meninas traz algumas conseqüências, que se não forem observadas pelo professor, poderão dificultar o desenvolvimento do seu trabalho.

Uma dessas conseqüências, talvez a mais comum, é a determinação de atividades específicas para meninos e meninas, pois segundo Sales (2002) “desde criança existem brincadeiras estabelecidas culturalmente para cada sexo. As meninas são incentivadas a brincarem de bonecas que parecem bebês (treinando a maternidade), a vaidade também é incentivada através de brinquedos que valorizam a feminilidade. Já os meninos são

estimulados a brincadeiras com bonecos monstros, super heróis, onde possam treinar sua força e coragem”. Esse tipo de divisão acaba por impossibilitar que sejam empregadas atividades conjuntas entre ambos, devido os mesmos não aceitarem e a nossa cultura determinar às práticas que cada sexo deve exercer, ou seja, aos meninos cabem as atividades mais intensas e as meninas às atividades mais suaves.

Outra consequência da separação de gênero na educação física e que é bem conhecida é a que diz respeito às atividades esportivas, pois nelas a rivalidade e as diferenças entre os gêneros são bastante evidentes, pois os meninos reclamam da presença das meninas nas aulas por eles acharem que elas são “fracas”, “lentas”, que “não dão conta” e que esportes como futebol e futsal são “coisa de menino”. Segundo Kunz (2001) “quando o conflito entre meninos e meninas torna-se intenso, os professores são obrigados a lançar mão de medidas disciplinares, que geralmente atinge os meninos”.

Essa dificuldade de relação entre meninos e meninas (dentro do desporto), dificulta o trabalho do professor de educação física, que não vê outra saída a não ser separá-los, o que faz com que entre em conflito com um dos objetivos da educação física, que é o de promover em suas aulas a integração, a socialização, a cooperação, etc.

Sendo assim, é necessário que o professor de educação física procure integrar todos os seus alunos nas aulas, pois ao separá-los só estará consolidando ainda mais a discriminação, a segregação e rivalidade entre os sexos.

CONCLUSÃO

Consideramos que é imprescindível que o profissional de Educação Física seja capacitado, para que proporcione atividades não somente nas escolas, mas em diversos espaços onde estes atuem, diminuindo as desigualdades e respeitando as diferenças de gênero

O diálogo é um meio que o profissional pode utilizar para esclarecer aos alunos a importância de ambos os gêneros numa mesma atividade, amenizando os mitos de que as meninas são fracas e pouco habilidosas, resgatando dessa forma o papel do homem e da mulher como seres ativos, capazes e pensantes de uma sociedade; isso pode ser feito durante as aulas de Educação Física, onde o professor e o aluno interagem com um propósito de aprender conhecimentos verdadeiros e necessários para a sua formação.

Precisamos refletir sobre a importância de desenvolver trabalhos voltados para a melhoria da conduta e da relação entre gêneros, sendo valorizados e respeitados enquanto cidadãos. Precisamos nos manifestar através de ações que revelem nossos anseios, a começar pela formação de indivíduos críticos, tendo humildade de reconhecer nossos erros, revendo atitudes, concepções e procedimentos, na perspectiva da qualificação de nossa prática docente.

É importante que a formação do profissional de Educação Física seja de forma continuada, garantindo a ele e aos alunos uma visão crítica do assunto e proporcionando a igualdade de oportunidades.

REFERÊNCIAS

ABREU, Mariane Conceição Paiva, WANDEKOKEN, Wagner Magalhães. Amarelinha Versus Futebol, Por que não Ambas? : Um Estudo das Relações de Gênero no Projeto Esporte e Lazer da Cidade. Castanhal, PA: UFPA. (Monografia Apresentada do Curso de Licenciatura em Educação Física) 2005.

BELOTTI, Elena Gianini. Educar para a submissão: Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 6ª edição, Petrópolis, Vozes, 1987.

M. BETTI – Revista Mackenzie de Educação – mackenzie.com.br

BICHARA, I. D. (1994b). Brincadeira e cultura: o faz-de-conta das crianças Xocó e do Mocambo (Porto da Folha/SE). *Temas em Psicologia*, v.7, n.1, 57-64.

KUNZ, Eleonor. Educação Física: Ensino e mudanças. Coleção Educação Física. Editora UNIJUÍ. Rio Grande do Sul, 2001.

MACCOBY, E. E. (1988). Gender as a social category. *Developmental Psychology*, 24, 755-65.

MUÑOZ PALAFOX, G. H. Sociedade, ciência e ética: desafios para a E.F. Uberlândia. 2000, e colaboradores. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte – Ano 1, Número 1, 2002.

PACHECO, Andréa Lúcia da Costa. Meninos Versus Meninas: A Diferenciação de Gênero nas Aulas de Educação Física. Belém, PA: UEPA. (Pós-Graduação em Educação Física Escolar) setembro/2003.

ROMERO, Elaine. Mulheres em Movimento. Editora Vozes. Campinas, São Paulo, 1990.

SALES, Lilian Silva de. Escola Mista, Mundo Dividido: Infância e Construção de gênero na Escola. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Universidade Federal do Pará – Belém, 2002.

WANDERLIND, Fernanda, MARTINS, Gabriela Dal Forno, HANSEN, Janete et al. Diferenças de gênero no brincar de crianças pré-escolares e escolares na brinquedoteca. Paidéia (Ribeirão Preto) [online]. 2006, vol. 16, no. 34.

Email: carlos.andre01@hotmail.com

Email: tom.perfil@yahoo.com.br

Email: borralhos2006@yahoo.com.br

Email: oazulino@bol.com.br / oazulino@hotmail.com